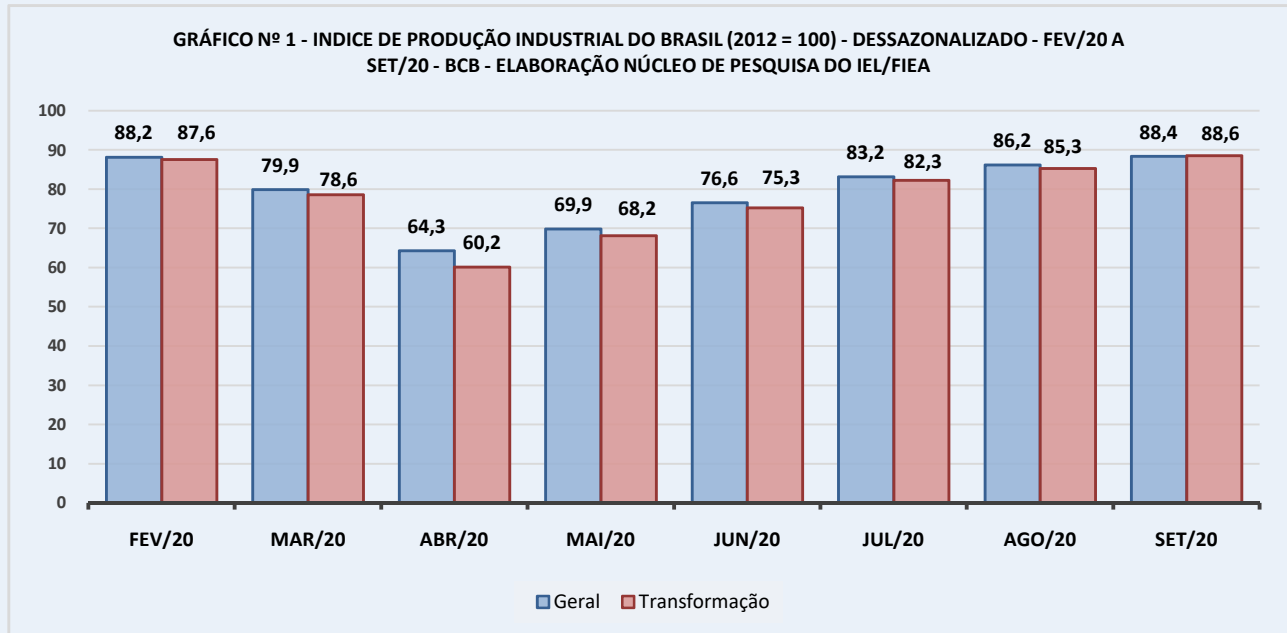




INDÚSTRIA VOLTA AO PATAMAR DE FEVEREIRO DE 2020



Após significativa queda em abril, os índices de produção industrial contribuíram para estimular a sua (ICEI) de outubro de 2020 mostra que brasileira tanto em nível geral como demanda. A menor remuneração das empresas de todos os 30 setores no segmento de transformação aplicações em renda fixa, em função da considerados na pesquisa seguem retornaram ao patamar de selic se encontrar no menor patamar confiantes, a manutenção do ritmo de fevereiro, mês que antecede ao início de todos os tempos, também recuperação continua incerta, seja pela da pandemia, como pode ser contribuiu para aquecer o mercado risco de uma segunda onda da observado no gráfico nº 1. O mesmo imobiliário como alternativa de pandemia, que já ocorre tanto nos EUA ocorre com o índice da produção de investimento. Por categoria de uso como na Europa, seja por indefinições insumos da construção civil, que a final, a maior dificuldade de quanto a questão fiscal. A taxa de partir de junho com 76,1 fica acima do recuperação encontra-se no setor de desemprego continua alta e com observado em fevereiro do corrente bens de capital em virtude da maior perspectiva de elevação a medida que ano de 71,8 e continua em trajetória incerteza quando a sustentabilidade da aumenta a demanda por trabalho. Por ascendente até setembro quando retomada da economia. Os demais sua vez, continua em aberto qual será atinge 79,7. Como vem sendo setores praticamente recuperaram os o impacto do corte de 50% do auxílio pontuado nos panoramas níveis de fevereiro. É importante emergencial e a sua provável, até o anteriores, no caso da indústria de salientar que o desafio para a indústria momento, não continuidade em 2021. transformação o fator de maior peso continua ainda sendo grande, uma vez O fato da indústria ter retomado os na explicação da rápida recuperação que em relação a setembro de níveis pré-pandemia deve ser tem sido o auxílio emergencial 2014, quando a economia se comemorado, mas a sua que, mesmo com a redução do valor encontrava em recessão, o índice do dependência, em grande medida, da do benefício e do número de pessoas setor de bens de capital está em - política de auxílio emergencial continua contempladas, continua na média das 28,1%, bens intermediários -6,8%, bens uma preocupação em termos de regiões mais pobres, Norte e de consumo duráveis -15,3% e bens perspectivas futuras. Nordeste, beneficiando cerca de 60% semiduráveis e não-duráveis -8,6%. das famílias. No tocante a construção Apesar dos níveis de confiança dos civil, a redução dos juros no empresários da indústria continuarem financiamento dos imóveis, reduzindo elevados, de acordo com a CNI o

DÓLAR NÃO SUSTENTA TENDÊNCIA DE ALTA

A moeda brasileira foi a que sofreu a maior desvalorização com o choque da Covid19, levando a moeda americana a se valorizar cerca de 40%. Todavia, a partir de julho o índice de dólar futuro (USDx) para dezembro de 2020, ver gráfico nº 4, passou a andar de lado refletindo uma mudança das expectativas do mercado quanto à trajetória de desvalorização do real frente ao dólar. Do ponto de vista externo, dois fatores reforçam a aposta de tendência a valorização do real, ou seja, perspectivas da obtenção da vacina no período de tempo mais curto do que o esperado anteriormente, conforme noticiado pela Pfizer e outros laboratórios, e ritmo mais forte de retomada da economia americana com a eleição do Biden. Apesar dos conflitos de interesses entre as economias dos EUA e China, o mercado aposta em menor tensão do ponto de vista comercial com a eleição do democrata. Isto tem aumentado o apetite dos investidores estrangeiros por risco, o que tem contribuído para a elevação do IBOVESPA e apreciação do real. Nas últimas três semanas a moeda brasileira se valorizou 6%. No tocante aos fatores internos, há um mix de forças que podem impactar a tendência da moeda brasileira frente ao dólar na direção da apreciação ou depreciação. No primeiro caso, o maior dinamismo da economia internacional, caso se configure, impactará positivamente nas exportações de commodities brasileiras aumentando a entrada de dólares e o saldo das

exportações líquidas, uma vez que as importações dependem do nível de atividade doméstica cujo ritmo de recuperação continua incerto. A manutenção da selic no patamar atual continuará inflando o mercado de ações e atraindo, mesmo que em menor intensidade em virtude das incertezas quando a gestão fiscal da política macroeconômica, os investidores estrangeiros, o que reforçará o fluxo de entrada de dólares. O poder de fogo que tem a Autoridade Monetária para conter movimentos especulativos contra o real. O calcanhar de Aquiles, na narrativa do mercado financeiro e do setor empresarial, está na agenda fiscal para o próximo ano e se o "Teto dos Gastos" será mantido ou não. Este é um ponto delicado e que poderá ter efeitos negativos sobre as taxas de juros, de câmbio e inflação caso não seja equacionado, em função do aumento do risco país. Contudo, ao mesmo tempo que realizar um ajuste fiscal com corte de mais de 7% dos gastos públicos poderá levar o país a recessão, este tem sido o caso de países que realizaram programas de consolidação fiscal em curto espaço de tempo, como tem sido admitido pelo FMI, é preciso sinalizar claramente aos investidores para a tendência de redução da relação dívida/PIB ao longo do tempo. Para tanto, a revisão da regra do "Teto dos Gastos", para liberar espaço fiscal para os investimentos em infraestrutura, inclusive social, a partir das receitas geradas por uma reforma fiscal que torne menos regressivo o

perfil da carga tributária, junto a manutenção da taxa de juros básica abaixo da de crescimento da economia, são cruciais para sustentar a retomada da economia e para a redução da dívida pública no tempo sobre o PIB. A mediana do mercado financeiro para a taxa de câmbio no final do ano é de dólar a R\$ 5,40 longe do patamar de R\$ 6,00 temido há alguns meses. Para 2021 e 2022 a expectativa do mercado é de apreciação cambial com taxas de R\$ 5,20 e R\$ 5,00, respectivamente. Isto significa que diminuirá a pressão sobre os preços dos *tradables* provocada pelo câmbio e, consequentemente, sobre a taxa de inflação. O aumento do IBC-BR (com ajuste sazonal) no terceiro trimestre, usado como *proxy* da variação do PIB no período, da ordem de 9,4% em relação ao segundo trimestre, apesar de comemorado pelo mercado, precisa ser visto com cautela. Nos dois trimestres anteriores, usando a mesma métrica, o IBC-BR caiu 12,14% e em relação a igual período no ano anterior a queda foi de 2,95%. Estes dados demonstram que apesar de apresentar sinais de recuperação na margem a economia irá necessitar de bastante tração para se sustentar no tempo. Tanto o câmbio como IBC-BR indicam que o risco inflacionário no horizonte relevante da política monetária ainda é baixo.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM SETEMBRO DE 2020

A indústria brasileira em setembro de 2020 manteve o ritmo de recuperação com expansão de 2,6%, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2019, a indústria também registrou aumento de 3,4% na produção, saindo do terreno negativo de -2,7% registrado em agosto nesta métrica. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), "a indústria eliminou, no mês de setembro de 2020, as perdas provocadas pela pandemia de Covid-19 no bimestre de março-abril. Foram necessários cinco meses de crescimento para que isso ocorresse e nem todos os seus ramos chegaram a este estágio, mas está cumprida esta etapa da recuperação. O importante agora é que o setor não caia em um padrão de baixo crescimento. Além do fato de frações importantes da indústria ainda não terem eliminado o gap de mar-abr/20, há um conjunto de outros desafios a serem superados nos próximos meses. É o caso da redução do valor do auxílio emergencial às famílias no último trimestre do ano, mas também o desemprego elevado e o maior endividamento das empresas, bem como a ocorrência de uma segunda onda de contágio em certas partes do mundo, como na

Variações da Produção Industrial - Setembro 2020 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	2,6	3,4	-7,2	-5,5
Bens de capital	7,0	-2,0	-17,9	-14,4
Bens intermediários	1,3	5,5	-3,1	-2,7
Bens de consumo	4,6	1,9	-11,8	-8,2
Bens de consumo duráveis	10,7	2,2	-26,7	-19,4
Semiduráveis e não duráveis	3,7	1,8	-7,6	-5,1
Extrativa Mineral	-3,7	-4,1	-2,3	-4,4
Transformação	3,9	4,4	-7,8	-5,6

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Elaboração Própria

Europa, que pode vir a agravar o desempenho a média histórica anterior à Covid-19, que é de negativo de nossas exportações de bens 79,5%. Esta trajetória de retomada da utilização industriais". Ainda segundo o IEDI, "de acordo da capacidade é verificada também nos dados da CNI. Após atingir o vale de 66,9% em abr/20, progrediu a partir de maio chegando a 79,4% em setembro, já descontados os efeitos emergenciais do governo e, mais sazonais. Ainda assim, neste caso, o indicador recentemente, a progressiva flexibilização do isolamento social vêm possibilitando a retomada de atividade, elevando a utilização da capacidade instalada para 78,2% em setembro. Com esta melhora e sua continuidade no mês de outubro (79,8%), o nível de utilização atingiu

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE PRESIDENTE

José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO

Walter Luiz Jucá Sá

GERENTE UNITEC

Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

DIRETOR REGIONAL

José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE

Helvio Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA

Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO

Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

EQUIPÉTICA

CONSULTORES

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

ESTAGIÁRIOS

Henrique Quintela França de Almeida

Lhara Maria Dias Magalhães

Marcus Vinicius de Oliveira Costa Barbosa

CONTATO: (82) 2121-3079